
Feminicídio nas redes sociais: análise do léxico no Twitter entre 2019 e 2021¹

Hayom Tovi Castório SILVA²

Fabio Gomes GOVEIA³

Adriana Ilha da SILVA⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

RESUMO

Embora inúmeras ações e políticas públicas empenham-se em coibir a violência contra a mulher, as taxas de casos de feminicídio ainda se apresentam de forma elevada e constante, sendo representadas na mídia diariamente. O cenário que tem sido destaque entre compartilhamentos e opiniões sobre esses casos têm sido as redes sociais online. Logo, esta pesquisa busca cartografar as narrativas do Twitter sobre os casos de violência contra a mulher no Brasil em 2021. Por meio das coletas destas publicações será possível identificar e analisar a partir de hashtags e palavras, quem, como e o que se fala sobre a temática de violência contra a mulher. Por ser um debate recente, é de interesse comum e para conhecimento científico, um estudo sobre as redes sociais online e sua influência no compartilhamento de experiências e discussões entre a mídia e os indivíduos.

Palavras-Chave: Violência contra a mulher; Feminicídio; Redes sociais digitais.

INTRODUÇÃO

No percorrer da história, o combate contra as desigualdades de gênero fez-se presente. A violência contra a mulher acompanha inúmeros estudos sobre a temática da violência de gênero, e é por meio desta preocupação que surge o anseio por estudar essa temática e sua estrutura hierárquica. A manutenção desse poder contribui para perpetuar os desdobramentos da violência, seja moral, psicológica ou física (SEGATO, 2003).

Adentrando aos dias de hoje, os dados corroboram que apesar de todas as políticas públicas atuais, o feminicídio ainda é recorrente na sociedade. O Mapa da Violência evidenciado por Waiselfisz (2015), possibilita confirmar o registro do

¹ Trabalho apresentado no IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Ufes, e-mail: hayom-tovi@edu.ufes.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Ufes, e-mail: fabioqv@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professor do Curso de Serviço Social da Ufes, e-mail: adrianailhaufes@gmail.com

crescimento de violência contra a mulher, indicando um aumento de 252%, como revela Mariano (2019).

Vale destacar que as discussões sobre os casos de violência contra a mulher estão atingindo proporções maiores, não ficando restritos ao âmbito pessoal ou midiático, sendo também pauta das conversações nos sites de redes sociais digitais.

Segundo Saffioti (2001) tendo em vista a dominação pela violência de gênero, em que os homens, no exercício patriarcal, detêm o poder de determinar o que, segundo eles, considera-se um desvio, essa por sua vez, vêm para auxiliar de inúmeras formas as quais se concebem uma violência. A partir disso, o feminismo se constitui para traçar ações em combate contra essas formas de violência e promover a manutenção da hierarquia aparelhada pelo sistema patriarcal.

O feminismo no Brasil, segundo Sardenberg (2008, p. 32), atribuiu inúmeras formas de luta, não distante, dos outros movimentos ao redor do mundo, assim como sem abandonar os direitos buscados por todas, como igualdade salarial, condições dignas de trabalho e o direito de escolha sobre o próprio corpo. As transformações provocadas pelos movimentos sociais em prol da mulher, juntamente com os meios tecnológicos, proporcionaram novas narrativas que partem de discussões por meio das plataformas digitais, gerando análises e perspectivas produzidas pelo ciberativismo.

Diante das transformações sociais provocadas pelo movimento social feminista, em contato com as tecnologias de informação, a ação das mulheres, bem como suas discussões, configurou uma nova forma de proporcionar análises das pautas presenciadas no âmbito digital, conquistando mais espaço e novas formas de representação.

“No cenário euro-americano, a partir dos anos 90, principalmente com a popularização da internet, há uma renovação prática e teórica no debate sobre feminismos e tecnologias que se carregou de otimismo (às vezes exagerado) favorável à participação das mulheres nas tecnologias (em especial internet), informadas pelas possibilidades que estas ofereciam para as transformações de gênero, mas, na maioria das vezes, mantendo uma visão crítica da relação gênero e tecnologia.” (FERREIRA, 2015, p. 4).

A apropriação dessa ferramenta tecnológica fez com que mulheres se mobilizassem de acordo com suas necessidades, buscando a continuidade e introdução de novos direitos. A internet auxilia a dissolução de padrões patriarcais e introduz novas ideologias para um vasto público, possibilitando novas formas de visibilidade para

movimentos antes segmentados. É por meio desta ocupação que informações são repassadas proporcionando conhecimentos a respeito da violência de gênero, que vem ganhando força pelo ciberativismo, construindo um espaço mais acessível.

“O movimento feminista não migra e não permanece somente nas redes sociais, ao contrário, ele se fortifica com o uso dessas novas tecnologias, o usa para que a sua causa se expanda. As velocidades de interação entre as pessoas e os conteúdos de mensagens reproduzidas conseguem atingir um público maior e conseqüentemente, ganham visibilidade com maior facilidade.” (MATOSO, 2018, p.137)

Dentro de um contexto maior, sem as redes sociais digitais, as demandas da quarta onda não teriam ocupado novos espaços e camadas digitais. Uma de suas principais pautas, a violência de gênero constituiu novas discussões para além de argumentos comumente usados para justificar uma agressão. Adentrou-se contribuições para se entender aquela e as demais violências como algo perpassado por uma cultura baseada em desigualdades e opressões.

Dessa forma, não se trata somente em posicionar a mulher como vítima, mas constituir fundamentos que denunciem o ordenamento social de gênero que recai sobre os corpos femininos. Esse enquadramento da mulher historicamente como inferior, resvalada para a postura de um corpo e sexo frágil, constroem bases para a violência. Durante décadas, a desigualdade imposta pelo poderio masculino, contribuiu para invisibilizar a mulher. O movimento feminista, fez-se presente no combate à desigualdade entre homens e mulheres. Na contemporaneidade, o movimento social continua pautado na igualdade social, contribuindo, por si só, para reverter a violência de gênero.

Vale ressaltar que a utilização do termo *violência de gênero* se baseia na intenção de tratar essas ações como não uniformes, porém expressando uma integração quanto à ocorrência sobre corpos femininos (BANDEIRA, 2014).

As redes sociais digitais diante de inúmeras narrativas midiáticas a respeito dos casos de feminicídio, tem proporcionado um compartilhamento de percepções que ultrapassam o âmbito digital, fazendo com que novos olhares e novas formas de comunicação sejam criadas para que essas trocas permeiam o virtual e a sociedade.

Os indivíduos imersos nessas plataformas, tem contribuído para uma nova experiência entre o homem e a máquina. Diante disso, Latour (1994) estabelece a relação entre a sociedade emergida em produtos digitais, demonstrando diversas

mudanças socioculturais. Logo, essa produção científica produzida por símbolos “reais, coletivos e discursivos”, institui aos indivíduos uma nova forma de sociabilidade. Em sua Teoria do Ator-Rede, Latour conduz o discurso que essas redes afetam diretamente o âmbito social e o digital.

Nos últimos anos o uso de redes sociais digitais como “máquina de expressão” (LAZZARATO, 2006) tornou possível a produção e popularização de sujeitos que narram, agregam sentido e manifestam o caráter de histórias do cotidiano. Nesse sentido, o Twitter, rede social que será analisada, possibilitou uma ascensão de manifestações a respeito de uma série de denúncias, sobretudo em relação aos casos de violência contra a mulher.

Logo, essa pesquisa, busca articular as narrativas e percepções dos atores de redes sociais digitais, por meio dos discursos produzidos pelas mídias comunicacionais em um panorama nacional. O Twitter será a fonte dos dados necessários, visto que essas ferramentas virtuais tornaram-se importantes agentes nas transformações da comunicabilidade social. As redes sociais possibilitam entender o impacto causado pela mídia nas discussões entre os indivíduos, além de mapear como os conglomerados moldam as narrativas em constante diálogo com as transformações produzidas por essas ferramentas.

A pesquisa tem como objetivo a análise das narrativas presentes nas redes sociais digitais, visto que são territórios favoráveis à troca de experiências e opiniões sobre diversos assuntos. O enfoque será feito por meio do tema da violência contra a mulher. A coleta das publicações proporcionará uma gama de informações sobre a rede de usuários, influenciadores, palavras e hashtags que compõem a temática. O aprofundamento da pesquisa por meio desse cenário, apresenta a necessidade de observar o impacto do uso de redes sociais digitais na compreensão das narrativas midiáticas pela sociedade.

Com a finalidade de extrair e minerar os dados coletados, foi utilizado o programa de software desenvolvido pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), voltado à rede social digital Twitter, transformando as coletas em tabelas que posteriormente podem ser analisadas por outras plataformas. Por meio das publicações presentes no Twitter, será possível analisar os temas comumente utilizados

nas discussões sobre a temática da violência contra a mulher, assim como a interação dos usuários e os posicionamentos provenientes das narrativas midiáticas.

Faz-se necessário, também, examinar de que forma a retratação desses casos pela mídia contribui na formação das perspectivas dos usuários sobre essa violência, visto que podem ser de grande usabilidade para propiciar um debate sobre as formas de se compreender como é feito e dissipado um discurso pelas grandes massas. Além disso, dialogar as percepções da temática pela mídia e pelos indivíduos nas redes sociais digitais e subsequente, os caminhos a fim de percorrer a solução da problemática. As comunicações provindas dessas redes apresentam uma grande importância no que tange à influência comunicacional com a sociedade.

METODOLOGIA

Com o intuito de analisar as narrativas dos usuários do Twitter sobre a violência contra a mulher, o roteiro metodológico foi feito pelas seguintes etapas: (1) formação de quadro teórico; (2) coleta e sistematização dos dados; (3) visualização e análise dos dados; (4) interpretação dos dados.

Inicialmente foi construída uma revisão bibliográfica que proporcionasse auxiliar nas visualizações e análises dos dados, fornecendo um aprofundamento na temática, assim como na interpretação das narrativas.

Para que a análise de conteúdo seja alcançada, fez-se necessário o processo de “Modelagem de Tópicos”, recurso que encontra padrões em um grande volume de dados a partir da identificação de temas semelhantes em um banco de dados. O termo modelagem de tópicos nada mais é que o processo de categorização de dados. Para Bardin (2006), a análise realizada a partir da categorização dos dados

“funciona por operações de divisão do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples.” (BARDIN, 2006, p.147)

No trabalho que se buscou realizar, as categorias de análise foram definidas e determinadas com base no próprio conteúdo dos tweets, sendo estas estabelecidas a posteriori. Franco (2005) estabelece que as categorias definidas a posteriori

“vão sendo criadas à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas à luz das teorias explicativas. Em outras palavras, o conteúdo, que emerge do discurso, é comparado com algum tipo de teoria. Infere-se pois, das diferentes “falas”, diferentes concepções de mundo, de sociedade, de escola, de indivíduo etc.” (FRANCO, 2005, p.60)

A partir da divisão das publicações em categorias e subcategorias foi possível perceber quais são as temáticas mais presentes quando o assunto é violência contra a mulher; o engajamento dos usuários em relação a esse tema e também o seus posicionamentos.

A partir dos conhecimentos adquiridos com a leitura do quadro teórico, optamos por englobar novas leituras de fontes secundárias, como notícias, reportagens e artigos que houvesse a divulgação dos casos de violência contra a mulher. Para uma leitura mais assertiva, filtramos os jornais e produções acadêmicas com base no estado do Espírito Santo. Esta tarefa se deu de forma manual, realizando uma pesquisa sobre o tema do feminicídio por meio da ferramenta de busca nos sites das principais mídias jornalísticas, sendo alguns exemplos: “A Tribuna”, “CBN Vitória”, “ES Hoje”, “Folha Vitória”, “Folha Online”, “G1 ES”, “Gazeta Online”, “Século Diário”, “TV Gazeta” e “TV Capixaba”, contabilizando 29 mídias ao todo.

Este processo de modelagem contou com duas vertentes, as principais mídias nacionais e as estaduais. Para o levantamento, foi levado em conta a relevância do conglomerado para o público referente. Com o intuito de endossar os dados sobre estes veículos, buscamos o local, site e as redes sociais, como Twitter, Facebook, Instagram e Youtube. Foram selecionadas para compor a tabela, 65 conglomerados midiáticos nacionais e 29 estaduais.

Dessa forma, foi possível se aproximar das narrativas estaduais, assim como alcançar os sujeitos que sofreram as agressões. Percorremos esse processo com o auxílio do filtro de cidades e mídias capixabas, previamente produzidas pelo Laboratório de Estudo sobre Imagens e Cibercultura (Labic).

Logo, estruturados os discursos da temática pelos enquadramentos jornalísticos e produções acadêmicas, foi possível selecionar os termos para uma coleta espelho, contendo as narrativas sobre a temática nas redes sociais. Os termos modelos foram selecionados pelas expressões contidas nas leituras feitas, sendo essas: “feminicídio”,

“mulher assassinada”, “mulher agredida”, “estuprada”, “vítima estupro”. “morta pelo marido” e “morta pelo namorado”.

Diante da análise preliminar da coleta inicial, percebeu-se algumas narrativas que não estabeleciam relações com a temática. Para uma melhor filtragem dos tweets, houve a retirada do termo “vítima estupro”, visto que engloba também a violência sexual sofrida por outros gêneros, como o masculino, desencadeando um conflito com a temática da violência contra a mulher. Também, foram adicionados mais termos para alcançar outros discursos sobre a violência de gênero, como “lei maria da penha”, “Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher”, “mulher espancada”, “violência gênero”, “violência doméstica”, “disque 180”, “morta pelo companheiro” e “mulher violentada”.

Diante disso, ordenamos o percurso metodológico a fim de transformar as coletas em datasets, contabilizando ao todo 15 termos delimitantes. Estes, foram usados para alcançar as narrativas jornalísticas, como também as realizadas pelos usuários da rede social Twitter.

Para que a coleta fosse realizada, dispomos da metodologia produzida pelo Laboratório de Estudo sobre Imagens e Cibercultura (Labic), por meio do script “Ford”. Essa ferramenta proporciona a coleta e mineração dos dados, além de gerar estatísticas e produzir um data set composto de post e interações sistematizados. Segundo Haacke (2020), o Ford é um script instruído para coletar e sistematizar dados de redes sociais digitais. Sua utilização, para este trabalho, fez-se necessário quanto à organização do dataset e sondagem dos dados, possibilitando estatísticas como as palavras e hashtags mais usadas, e também a quantidade de usuários engajados com a temática.

Concomitantemente, uma vez feita a coleta, iniciamos a sistematização, que se deu em conjunto com a análise dos tweets. Para Minayo (2007), a partir de procedimentos específicos e científicos, a análise de conteúdo permite tornar simulados e válidos o encadeamento sobre dados de um determinado contexto.

Previamente, uma leitura de todo material foi feito, com o intuito de conectar as narrativas das mídias com os discursos dos usuários, observando os potenciais tweets que viabilizasse a identificação de atores, palavras e hashtags nas redes. Com o auxílio das ferramentas dispostas pelo Labic, a análise geral e dos subtemas permitem compreender as narrativas e trocas de perspectivas no Twitter. A escolha da

rede social digital partiu da facilidade em coletar publicações dispostas de forma pública, garantindo um volume de informações endossando as narrativas desejadas.

RESULTADOS

A análise dos termos permite um maior aprofundamento das narrativas coletivas a respeito da violência contra a mulher no Twitter. Em um primeiro momento, foram coletadas 9.477 publicações, referente ao período delimitado ao mês de Julho de 2019. Já, durante o mesmo período em 2021, o dataset compôs 5.327 publicações. As coletas foram divididas entre a primeira e a última semana do mês de Julho, visto que o período delimitado não detém efemérides relacionadas ao tema. Para o ano de 2019, foram observados 5.130 publicações na primeira semana e 4.347 ao final do mês. Ao passo que em 2021, foram coletados 2.215 tweets e 3.202 durante a última semana.

Tabela 1 - Comparativo dos números de publicações coletadas no Twitter

Período	Julho de 2019	Julho de 2021
Entre dias 01 e 08	5.130	2.215
Entre dias 23 e 31	4.347	3.202

Fonte: os autores, a partir de dados do Twitter

Por conseguinte, observa-se uma diminuição das publicações a respeito do feminicídio, observando o mesmo período de Julho em 2019 e 2021. Este fato se deve à subnotificação dos casos, mesmo com o aumento dos números da violência contra a mulher. Ao passo que, os conglomerados midiáticos noticiaram apenas acontecimentos com maior visibilidade, transformando-os em casos isolados. Uma vez que a mídia sobrepõe outras pautas acima do tema, a escassez da notícia com caráter informativo e denunciativo corrobora com a baixa notificação nas delegacias, contribuindo para um menor debate sobre o feminicídio nas redes sociais digitais.

Tabela 3 - Palavras mais usadas entre 01 e 08 de Julho de 2019 no Twitter associadas ao termo “feminicídio”

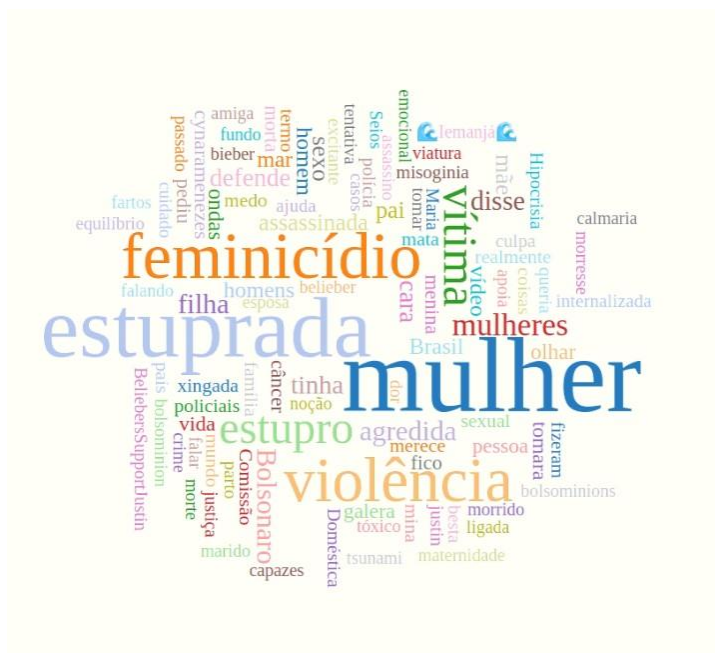
Palavras	Número de Menções
----------	-------------------

Mulher	2260
Estuprada	1801
Feminicídio	1211

Fonte: os autores, a partir de dados do Twitter

Ademais, em observância ao período de 2019, durante a primeira semana de Julho, há a presença de expressões dotadas de juízo social para construir uma narrativa opinativa, levando em conta o teor político ao debate. Logo, é notável as conexões entre os termos formando um debate entre as violências sofridas, a forma que ocorreu e o sujeito que praticou o ato.

Imagem 1 - Nuvem de palavras dos termos mais associados a feminicídio entre 01 e 08 de Julho de 2019 no Twitter



Fonte: os autores, a partir de dados do Twitter

Em colaboração com as narrativas pré-pandemia, os discursos encontrados nas coletas de 2019, demonstraram uma crítica ao governo e seus apoiadores sobre o feminicídio. Os usuários que se destacavam nas interações, em grande maioria, tinham um tom mais crítico a respeito da ineficácia de políticas públicas.

Tabela 4 - Palavras mais usadas entre 23 e 31 de Julho de 2019 no Twitter associadas ao termo “feminicídio”

Palavras	Número de Menções
Mulher	3124
Feminicídio	3006
Estuprada	2267

Fonte: os autores, a partir de dados do Twitter

Majoritariamente, cobraram posicionamentos de instituições governamentais, apresentando dados, fotos e exemplos de casos que demonstravam a impotência governamental sobre a taxa de mortalidade feminina no Brasil durante os últimos anos. Há uma prevalência de assuntos e atores institucionalizados, visto que, em sua maioria, são apresentados usuários que interagem diretamente nas questões sociais, políticas e econômicas brasileiras.

Imagem 2 - Nuvem de palavras dos termos mais associados a feminicídio entre 23 e 31 de Julho de 2019 no Twitter



Fonte: os autores, a partir de dados do Twitter

Para uma análise midiática, há discussões que apresentam informações e dados sobre os casos narrados, sobre o que se fala e como se fala. A conexão entre os termos comprova uma perspectiva mais crítica e informativa, visto que apresentam termos como: "feminicídio" e “vítima” concomitantemente. Conseguimos conduzir uma

análise envolvendo o tipo de violência, se houve feminicídio e quem sofre o ato. Algumas narrativas jornalísticas podem ser vistas através das palavras “mulher” e “estuprada”, demonstrando uma separação de palavras provindas de uma manchete jornalística que denunciam as formas de violências sofridas pelas vítimas.

Em se tratando das palavras mais usadas no segundo semestre, durante a primeira semana de Julho em 2021, notamos a presença de palavras carregadas de debate sobre a atuação política no enfrentamento da violência contra a mulher, evidenciando a polarização partidária brasileira. A análise das palavras mais utilizadas permite um maior aprofundamento das narrativas coletivas a respeito da violência contra a mulher no Twitter.

Tabela 5 - Palavras mais usadas entre 01 e 08 de Julho de 2021 no Twitter associadas ao termo “feminicídio”

Palavras	Número de Menções
Ruim	2280
Radicalismo	2277
Feminicídio	2005

Fonte: os autores, a partir de dados do Twitter

Dessa forma, as narrativas utilizam casos como exemplo para denunciar a realidade. As palavras que mais se aproximam dessa análise foram: “feminicídio”, “matar” e “denunciar”. Já o termo “machismo”, demarca o julgamento popular, visto que a vítima tem sua queixa posta em dúvida, tratando-a como a real culpada. Dessa forma, nota-se uma participação do público virtual, já que comentam o caso, usando outros termos como “casos” e “violência”, relacionando assim termos e crimes populares.

Imagem 3 - Nuvem de palavras dos termos mais associados a feminicídio entre 01 e 08 de Julho de 2021 no Twitter



Fonte: os autores, a partir de dados do Twitter

As palavras “ruim”, “radicalismo” e “esquerda”, correspondem às inúmeras críticas realizadas pelos usuários da rede social, quanto ao posicionamento político dos governantes, apontando que o fato de não comentarem sobre os casos de violência contra a mulher, acaba por categorizar a ocorrência como algo negativo.

Tabela 6 - Palavras mais usadas entre 23 e 31 de Julho de 2021 no Twitter associadas ao termo “feminicídio”

Palavras	Número de Menções
Feminicídio	2983
Pai	1785
Programa	1070

Fonte: os autores, a partir de dados do Twitter

Ademais, durante a última semana de Julho de 2021, notamos uma maior interação com as palavras “feminicídio”, “programa” e “pai”, visto que um conglomerado midiático influenciou na segurança de uma vítima de violência, quando expôs a localização da mesma na casa dos pais. O programa foi condenado a pagar uma indenização por interferir na investigação do caso.

auxiliar na categorização de um método científico em que agrega tanto a sociedade quanto o meio virtual. Investigar essa complexidade nos demanda métodos apropriados, assim como o desenvolvimento de novos aportes teóricos (ROGERS, 2015).

As narrativas presentes nas redes digitais realizam-se por meio de laços sociais. A importância do indivíduo na comunicação transforma a necessidade de socialização para uma relação interpsicológica. Essa inquietação de sociabilidade possibilita a troca de informações e narrativas opinativas em comum. Para Tarde (1992), a comunicação unilateral é exercida pela coletividade que transmite e difunde suas opiniões, produzindo interações entre os indivíduos, que por sua vez, valoriza a comunicação de forma recíproca, de forma quase a imitá-la.

As discussões pautadas na comunicação digital propõem uma linguagem mais popular, indicando certos julgamentos sociais, além de conduzir um debate sobre as formas de violência, suas consequências, e a produção da imagem feita à vítima. A composição da figura da mulher nas narrativas digitais não apenas demonstram a desigualdade de gênero, como também amparam esses estereótipos pautados nas noções de gênero. A ênfase vista nas redes sociais amplificam a violência, acaba por fragilizar as crenças compartilhadas de uma comunidade, fazendo com que a representação feminina fique à mercê da visualização masculina. (BASTOS, MERCEA, GOVEIA, 2021).

Ao investigarmos a amplitude lexical dos termos vinculados à temática da violência contra a mulher, percebemos que o espaço virtual expande e complexifica a nossa realidade física. As repercussões no Twitter de situações trágicas a que muitas mulheres são submetidas cotidianamente serve como alerta para as mudanças necessárias e urgentes na sociedade como um todo. As palavras mais circuladas nos quatro recortes temporais investigados evidenciam a emergência das narrativas a partir do termo central do estudo: “feminicídio”.

Se podemos destacar o amplo aspecto negativo das discussões, não podemos ignorar que a existência do debate, a ampliação das narrativas e a exposição de vozes femininas, por tanto tempo violentamente silenciadas, lança luz sobre uma arena pública que deve colocar a mulher como protagonista. Mas não por conta dos relatos trágicos, mas por conta das redes de solidariedades que se formam em torno dessas narrativas.

CONCLUSÃO

As percepções sobre os casos de violência contra a mulher não se mantêm restritas ao âmbito pessoal ou midiático, partindo também para discussões virtuais. As narrativas compartilhadas pelos veículos midiáticos, conduzem a expansão de conhecimentos e informações, sendo um espaço de mobilização social. Por meio da comunicação entre os atores de rede e a sociedade, foi possível discutir de que forma os discursos são moldados e inseridos na sociedade (SILVA, 2020).

Diante dos inúmeros casos de violência contra a mulher, e a perpetuação desses crimes, os conglomerados midiáticos noticiam cada vez mais esses acontecimentos. Contudo, a formatação dessas narrativas pela mídia, diante de sua influência no meio social, acaba por perpassar e invadir a privacidade da vítima. Essas produções jornalísticas contribuem com a perpetuação de que somente narrativas pautadas em pessoas de maior classe e prestígio social constituem a grade de notícias. Dessa forma, as matérias com pessoas marginalizadas, não recebem o devido reconhecimento. Essa postura adotada pelos conglomerados acabam por fortalecer uma ideia de hierarquia social, que é compartilhada pelos usuários das redes sociais.

Por fim, o presente estudo pretende ser uma pequena contribuição ao necessário debate acerca da violência contra a mulher. Novas investigações são necessárias para dissecar da maneira mais efetiva os dados que circulam nas redes sociais quando tratamos das narrativas em torno do tema feminicídio. Certamente outros estudos virão.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, L. M. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. Brasília: Soc. Estado, 2014.
- BASTOS, M. MERCEA, D. GOVEIA, F. **Guy next door and implausibly attractive young women: The visual frames of social media propaganda**. Londres: New Media and Society, 2021.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LATOUR, B. **A esperança de Pandora**. Bauru: Edusc, 2001.

LAZZARATO, M. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MARIANO, I. S. F. **Relações entre jornalismo e literatura policial: feminicídio em questão**. Vitória: 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2019.

MATOSO, S. **CIBERFEMINISMO: Uma Análise da Campanha #NÃO MEREÇOSERESTUPRADA**. Belém: Puçá, 2018.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.

ROGERS, R. **Digital Methods**. Massachusetts: MIT Press, 2015.

SILVA, H. T. C. **Cartografia das narrativas dos casos de violência contra a mulher no Brasil em 2019**. Vitória: Ufes, 2020.

SEGATO, Rita L. **Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre antropología, psicoanálisis y derechos humanos**. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

TARDE, G. **A Opinião e as Massa**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editoria, 1992.

HAACKE, V. **Você fez agora aguenta: Análise das narrativas de violência obstétrica no Facebook**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

WAISELFISZ, J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. São Paulo: Flacso Brasil, 2015.